

A FESTA É NO TERRAÇO

– antologia literária –

Érica de Oliveira | João Paulo Hergesel

(organizadores)

A FESTA É NO TERRAÇO

– antologia literária –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License | Avopix.com

F418 A festa é no terraço: antologia literária. / Vários autores ; organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. - Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019.
100 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-04-3

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5. Adolescentes. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2019
www.jogodepalavras.com

Portaria

A festa é no terraço. Mas, para chegar até lá, você precisa encarar os 20 andares deste prédio de páginas. Felizmente, o elevador está quebrado e o jeito é ir de escada, passando pelas histórias que podem ser encontradas em cada piso e se emocionando com os adolescentes criados nos contos e nos poemas.

Os síndicos.

1.º ANDAR [13]

Mensagem

Driely Meira

2.º ANDAR [23]

Agente

Adilson Roberto Gonçalves

3.º ANDAR [24]

Pretérito imperfeito ou anti-Gibson

Edson Amaro de Souza

4.º ANDAR [33]

Antes do próximo verão

Tiago Arauto

5.º ANDAR [35]

Bala amarga

Edih Longo

6.º ANDAR [39]

Jovens da madrugada

Abner Rosa Oliveira

7.º ANDAR [40]

Ambiente carregado

Evandro Valentim de Melo

8.º ANDAR [46]

A roupa colorida

Arthur Furtado Tomain

9.º ANDAR [47]

O primeiro beijo

Maíra Marques

10.º ANDAR [54]

Paixão adolescente

Ana Carolina Gonzaga

11.º ANDAR [55]

Guerra de mexericas

Aldirene Máximo

12.º ANDAR [57]

O eu perdido

Emanoel Santos Fernandes

13.º ANDAR [60]

Super D

Regina Ruth Rincon Caires

14.º ANDAR [66]

Quero ser o dono do mundo

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva

15.º ANDAR [68]

Emancipação prorrogada

João Eduardo Cerqueira

16.º ANDAR [73]

A face oculta

Maria Aparecida Coquemala

17.º ANDAR [75]

Crescer

Joaquim Bispo

18.º ANDAR [81]

Diferenças

Hélio Carlos da Silva Júnior

19.º ANDAR [83]

O amor da minha vida

Karol Póss

20.º ANDAR [00]

Nos seios fartos do meu travesseiro

André Foltran

TERRAÇO [89]

A manhã adolesce

Denivaldo Piaia

A GALERA [91]

Autores e organizadores

1.º andar

Mensagem

Driely Meira

Fazia três minutos desde que recebera a última mensagem, mas parecia que havia passado um século! Laís roía a unha do mindinho, enquanto olhava fixamente para a tela do celular, imaginando que, em poucos segundos, uma nova mensagem chegaria. Estava errada.

— Que demora! — resmungou, apertando o botão de bloquear a tela, levantando-se da cama rapidamente e voltando a se sentar, ao ser tomada por uma forte onda de tontura. Quando os pontinhos coloridos finalmente sumiram de sua visão, levantou-se novamente, prendendo o cabelo num coque e calçando os chinelos. Decidiu mentalmente que não se submeteria mais àquele tipo de coisa. Ficar colada no celular esperando um garoto responder não era uma coisa muito inteligente de se fazer, ainda mais considerando a quantidade de lição de casa que ela ainda tinha que realizar. Aquela era uma decisão que Laís precisava compartilhar com as amigas, precisava deixar registrado, então voltou a pegar o celular, abriu o grupo “Vampires”, cujo nome fora escolhido por votação unanime graças a uma antiga paixão por vampiros, e digitou:

Laís: *Meninas, acabei de tomar uma decisão séria: a partir de agora, lição de casa é mais importante do que meninos [emoji sorridente]*

Sentindo-se poderosa, Laís pegou cadernos e livros na mochila, os empilhou na mesinha do computador e sentou-se, arrumando a postura e pegando lápis.

— Ok, Laís, você tem três alternativas — murmurou para si, a expressão séria. Matemática, que te faz chorar nas provas; Química, que te faz querer gritar de desespero e chorar nas provas, e Física, que não é tão ruim assim. Mas Física leva Matemática e Química também. Hm... — Mordeu o lápis, pensativa. — O que faremos? — Batucou as unhas na mesa, parando quando o celular emitiu um tinido. Olhou para o aparelho, os olhos arregalados.

Bufando, arrastou a cadeira para trás e se levantou, fingindo que o conhecido tinido não mexia com suas entranhas e sua curiosidade. Tinha decidido colocar os estudos em primeiro lugar, e não ia falhar poucos minutos depois. Era melhor do que aquilo!

— Esse problema pede por um doce. — Cantarolou, saltitando até a cozinha. Não ia deixar a situação mexer com sua determinação; se Caio tinha respondido suas mensagens, ele iria esperar. Melhor ainda: ela o faria esperar como vingança, já que ele sempre parecia ter coisa melhor para fazer do que respondê-la.

Resmungou ao abrir os armários da cozinha e não encontrar nada que chamasse sua atenção: salivava por uma barra de chocolate amargo, ou morangos cobertos de chocolate amargo, ou pudim de chocolate amargo. Era apaixonada por chocolate amargo, mas tudo o que havia em sua casa eram coisas saudáveis. Laís não queria ser saudável, ela queria era ser feliz. Desistindo dos armários cheios de coisas integrais e sementes, recorreu à geladeira, onde deveria encontrar ao menos um iogurte!

– Mas o que é isso? – pegou o pote e o aproximou do rosto, tomado por uma expressão de horror.

– Kefir. – Pulando de susto com a voz da mãe, Laís quase deixou o tal pote cair, e seria uma tristeza muito grande ter que limpar aquelas coisas nojentas (e desconhecidas) dos seus pés.

– O que é um kefir? – perguntou, entregando o tal “kefir” para a mãe, que sorriu e abraçou o pote, feliz por poder explicar algo que a filha ainda não conhecia.

Dona Lúcia arrumou a postura, colocou os ombros para trás, ergueu a cabeça, limpou a garganta e começou a explicar com sua voz de professora:

– Kefir é um leite fermentado produzido a partir da ação dos micro-organismos presentes naturalmente nos grãos do kefir. Seus grãos são constituídos por uma ação positiva entre leveduras e bactérias benéficas, e para produzi-lo é necessário que os grãos estejam imersos em um substrato, podendo ser água ou algum tipo de leite. – Sorriu, esperando a reação da filha.

– Então você tá criando bactérias pra comer, é isso?
– Laís torceu o nariz, fazendo cara de nojo.

– Mais ou menos, filha. São micro-organismos que...

– Eca. Eca, eca, mãe!

– É saudável, Laís! Muitos médicos recomendam. – Dona Lúcia abriu a porta da geladeira e guardou seu amado pote, olhando uma última vez para a filha, antes de sair da cozinha – Quando você crescer e não tiver nenhuma doença terminal, vai me agradecer.

Laís bufou, olhando uma última vez para a geladeira, abrindo-a e pegando uma maçã. Não gostava de maçãs: quase não tinham sabor e sempre davam mais fome do que ela tinha antes de comê-las, mas não havia muito o que escolher para comer. Entre maçã e as tais bactérias comestíveis, ela preferia a maçã. Após lavar a fruta, deu uma mordida e voltou para o quarto.

– Se for do Caio, eu ignoro – prometeu a si mesma. Não faria mal responder às amigas, contanto que não respondesse às mensagens de Caio, se é que eram dele. Deixou a maçã na mesinha, pegou o celular e abriu o aplicativo de conversas. Havia quatro mensagens de suas amigas e uma de Caio. Veria e responderia as das amigas e talvez lesse a de Caio, mas esperaria alguns minutos para responder. Cronometraria o tempo, pensou.

Luiza: *hahaha conta outra. É a segunda vez que vc diz isso na semana.*

Tamires: *mds Luiza, deixa a menina. Láís, estou contigo! Nossa educação é mto mais importante q responder homens! [emoji da piscadinha]*

Amanda: *amiga, eu deveria fazer a mesma coisa. Faz duas horas que mandei msgs pro Tiago e ele ainda nem respondeu, mas vi que tava online.*

Luiza: *aposto uma caixa de chocolates q até o fim do dia vc já tá amarrada nele de novo, Láís.*

Ultrajada. Era assim que Láís se sentia. Luiza não podia apoiá-la nem um pouquinho? De Amanda, ela não esperava muito; se ela era obcecada pelo celular, esperando Caio responder, Amanda era simplesmente doida. E pra quê? Já de Tamires, ela não sabia o que pensar... Claro que sua educação era importante, mas Caio também era. Ela estava se apaixonando por ele, mesmo que ele mal respondesse suas mensagens e sempre estivesse ocupado. Por que ela não podia ser ocupada também? Deveria arranjar um emprego, assim se manteria distraída e nem pensaria no celular. É, era isso o que faria! Mas, antes, veria a mensagem dele.

Caio: *hahaha bem meloso, mas pra quem gosta parece bom.*

— Meloso? Meloso? Ele chamou meu texto de meloso? — Deixou-se cair na cama, sem acreditar. — Escrevi

com tanto carinho. — Sua voz falhou, e ela começou a chorar. Havia se dedicado tanto, foram dias procurando sinônimos e palavras mais “chiques” no Google para deixar seu texto mais refinado, e tudo porque Caio estava dois anos à sua frente, então ela tinha que provar que era mais inteligente do que ele esperava que ela fosse. E agora isso: ele havia odiado seu texto, e pior, o havia chamado de meloso. Ela não era melosa, só era romântica, e essas eram duas coisas diferentes. Saiu do bate-papo com Caio e abriu o grupo das “Vampires”:

Laís: *Caio odiou meu texto. Chamou de meloso. Oq eu faço? Dou risada e concordo ou falo que foi eu quem escreveu?*

Suas amigas responderam na mesma hora, num misto de preocupações e brincadeiras:

Tamires: *eu falei pra vc deixar isso quieto e focar em outra coisa. Precisa distrair a cabeça ou vai ficar rastejando pelo Caio até ele começar a namorar de novo. Vc merece mais doq isso, amiga [emoji de coração]*

Luiza: *acho que vou ganhar uma caixa de chocolates hahaha Mas sério amiga, deixa o Caio de lado, ele é ridículo. E q tipo de nome é esse? Fala assim pra ele: Caio, não zoa meu texto senão eu caio HAHAHAHA*

Amanda: *concordo com a Tamires, mas tbm acho q vc deve mandar essa piada hahaha estou rindo horrores*

Suspirando, Laís saiu da conversa das “Vampires” sem nem responder. A piada era engraçada, ela não podia negar. Mas também não podia negar que aquela história era bem trágica: garota vê garoto, garoto pede o número da garota, garota se apaixona, garoto não liga, garota escreve um texto de amor para o garoto, garoto ri e esnoba... Garota também ri ou garota conta que está magoada?

– Garota deveria deixar isso de lado – murmurou, abrindo o bate-papo com Caio e pensando no que responder. Decidiu fingir desentendimento.

Laís: *meloso?*

A resposta chegou instantaneamente, para sua surpresa:

Caio: *Muito. Quer dizer, até é legal pra quem gosta, e eu não sou preconceituoso, mas tem gente q pede pra sofrer e apanhar hahaha*

Decidida a cutucar ainda mais a ferida, Laís continuou:

Laís: *Então você não acredita em amor?*

Caio: *amor não é pra mim hahaha pras outras pessoas talvez seja. Não quero parecer contra o amor, mas eu sou bem mais um relacionamento suave hahaha*

— Relacionamento suave? O que diabos significa isso? — Laís soltou um gemido, seguido por um soluço. As lágrimas quentes faziam cócegas em suas bochechas, mas ela não queria se mexer para enxugá-las. Sem romance, então? Caio não acreditava no amor? O amor não era para ele? Como assim? O amor era para todos, não era isso que os livros e os filmes românticos sempre diziam? Isso era muito pior do que as bactérias comestíveis de sua mãe!

Laís: *Caio disse que não acredita no amor e que prefere um relacionamento suave.*

Jogou a maçã mordida no cesto de lixo enquanto aguardava as respostas das amigas. Já imaginava o que cada uma diria: Tamires falaria sobre como ela se livrou de um “boy lixo” e sobre como poderia estudar mais agora, sem distrações. Amanda compararia Caio com seu “crush” e falaria sobre como são parecidos. Luiza cobraria a tal caixa de chocolates e faria alguma piada.

Amanda: *ai amiga, que triste. Mas eu fico até feliz pq agora vc pode achar e investir em alguém bacana que te ame tbm. Eu deveria fazer a mesma coisa. [emoji de beijo]*

Tamires: *Caio é um idiota, até eu q nunca quero namorar acredito no amor, e não é só culpa dos filmes. Vc se livrou de uma pancada, amiga, bola pra frente agr. Qlqer coisa estamos aqui. [emoji de beijo]*

Luiza: *vc falou a piada do Caio? Eu tenho mais uma: falando mal assim do amor? Me segura aí Caio, senão eu caio HAHHAHAHAHA Parei. Mas sério, amiga. Vc é toda romântica, linda e inteligente, qualquer cara (ou garota, ñ sei) teria mta sorte em te namorar. Caio não te merece, vamos seguir em frente com um pote de sorvete s/ lactose UHU*

Amanda: *concordo! Vamos encher a cara de sorvete UHU*

Tamires: *sem lactose? Isso foi por mim ou pela mãe da Laís?*

Luiza: *por vcs duas. Vou ao mercado em 5min e chego aí em 20, Laís. Pfvr chore tudo agr pq não quero enxugar lágrimas. Te amo, mas se vc começar a chorar pelo Caio eu te estapeio e te faço CAIR HAHHAHA*

Deixando o celular de lado, Laís se jogou na cama, suspirando. Caio era mesmo um idiota, e era uma pena ela ter demorado tanto a perceber. Não teria tido que abrir seu peito e mostrado seus sentimentos daquele jeito se tivesse percebido antes, mas aquilo lhe serviria como lição. Ao

menos ela tinha suas amigas, que eram mesmo um pouco previsíveis, mas que estavam ali por ela. Decidiu tomar um banho para recebê-las, e aproveitando a energia positiva que estava emanando de si, pegou o celular, abriu o aplicativo de conversas e apagou o bate-papo com Caio. Disse a si mesma que daria um tempo dos garotos, não precisava desse tipo de dor de cabeça naquele momento.

Recolocou o aparelho na mesinha e olhou seus livros e cadernos.

– Aiin – gemeu. – Vocês vão ter que ficar para outro dia, sinto muito, mas não sinto. – Riu, pegou roupas limpas no guarda-roupa, rumou para o banheiro e salivou ao pensar que suas amigas poderiam ser boazinhas e lhe trazer algo com chocolate. Amargo, tinha que ser amargo.

– Hmm... Chocolate amargo, aí sim. – Suspirou, fechando a porta do banheiro. – Vou te mostrar que é de chocolate, de chocolate o amor é feito, de chocolate, choco, choco, chocolate...

Enquanto isso, em seu quarto, um tinido soou. Era uma mensagem. Mas não era das “Vampires”, e nem de Caio. O remetente se chamava Enzo!

2.º andar

Agente

Adilson Roberto Gonçalves

Ao ser ente
que adolesce
 crente
 cresce
presente

hormônios homônimos
boêmios desânimos

tudo não circula, explode
profusão de vida, de existência
essência:

o sabor de se formar gente
dói

3.º andar

Pretérito imperfeito ou anti-Gibson

Edson Amaro de Souza

São Gonçalo, 8 de abril de 2007,

Domingo de Páscoa.

Santo Padre Bento XVI,

Perdão, Santo Papa. Eu pequei. Destruí a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. Vossa Santidade não é mais papa, nem cardeal, nem mesmo padre: com sorte será funcionário público ou professor de piano na sua Alemanha natal. Foi tudo culpa minha. Minha máxima culpa. Por isso escrevo essa carta para o senhor (já que o senhor não é mais papa não preciso mais chamá-lo de Santidade). Porque padre Estevão não vai me perdoar. Espero que o senhor possa me perdoar.

O fato é que estávamos representando a *Paixão de Cristo* na Praça Estephania de Carvalho (que todo mundo conhece como Praça Zé Garoto); ideia de padre Estevão, que desde novembro comandava os ensaios, sempre antecedidos de doutas preleções sobre os mistérios da vida

de Cristo, ilustradas por transparências que ele tirava da Internet e projetava para a gente: obras de Giotto, Leonardo da Vinci, Botticelli, Rafael, Aleijadinho e outros tantos artistas. E ele nos recomendava que imitássemos os gestos retratados, e, para que melhor nos identificássemos com as cenas representadas, as obras de arte serviam de modelo para os figurinos que as costureiras faziam para a gente, com tecidos doados pela Secretaria de Cultura do Município. E todos os sábados tínhamos ensaios, no pátio atrás da Igreja Matriz, entre ela e a casa paroquial, que duravam de nove às onze da manhã. O importante, dizia ele, era que aprendêssemos bem as falas e os gestos, pois o que não dava para usar ali teríamos à disposição na praça, na Sexta-Feira Santa: a mesa da Santa Ceia, o poste onde amarrar o Cristo e chicoteá-LO, a cruz que Ele carregaria (de madeira, ao invés daquela imitação de isopor que o Miguel usava nos ensaios), um jazigo onde depô-LO e de onde sairia após três dias... Ah, esqueci de dizer que o Miguel fazia Jesus Cristo e eu fiquei com o papel de Judas Iscariotes. Essa foi a minha desgraça.

Chegado o grande dia, estávamos lá na Praça Estephania (que o povo chama de Praça Zé Garoto e a diocese anunciou o espetáculo na Praça Zé Garoto porque, se dissesse Estephania de Carvalho, ninguém aparecia por lá — e talvez fosse melhor assim, como disse Seu Francisco, o sacristão que fazia um dos soldados que chicotearia o Cristo, mas com vontade de chicotear a todos nós, pois, segundo ele mesmo diz, “Adolescentes o cacete, seu padre! Eles são é aborrescentes!” (Nós respondíamos que não éramos aborrescentes, porque essa palavra não tinha em dicionário

nenhum, mas aí o professor Paulo, que é espírita, mas gosta de teatro de igrejas católicas e protestantes, disse que “aborrescente” é neologismo, palavra recém-inventada cujo inventor (ele gosta muito de falar “cujo”: “cujo inventor”, se fosse a gente, nós diríamos “que o inventor”), se a tivesse registrado em cartório, estaria rico, tanta é a gente que a usa sem pagar direitos autorais...) Mas Seu Francisco, de quem falei num desses parênteses aí atrás que espero que o senhor não tenha pulado, talvez tenha razão, porque, depois do que eu fiz, ele ficou danado pulando e dando chicotadas nos bancos da praça e dizendo para padre Estevão: “Eu não disse? Eu não disse? Eu avisei! Esses moleques só aprontam! O que vão falar agora desta igreja?!” Mas eu juro que não era essa a minha intenção, que a minha intenção foi a melhor possível, mas aí Seu Francisco responde que de “Boas intenções o inferno tá cheio”, mas quando é ele que pisa na bola gosta de dizer que “A intenção é o que vale”.

O fato é que, quando eu cheguei lá no jardim com aquele monte de soldados atrás para trair Nosso Senhor, me deu um aperto no coração e olhei pra minha avó com o rabo do olho: lá estava ela comovida, ela que eu sempre via chorar quando ouvia a Paixão de Cristo pelo rádio. E xingava Judas, Herodes, Pilatos, os malvados todos: “São uns cães! Uns perversos! Têm que ir pro inferno!” Então eu pensei: “Daqui a pouco vão começar a flagelar o Cristo, que é Miguel, meu melhor amigo, como o Cristo era o melhor amigo de todos os apóstolos, e minha avó vai começar a chorar e vai xingar a mim e ao Eduardo que faz o Pilatos, e o Raimundo que faz o Herodes, e o Luís que faz Caifás. E é bem capaz de brigar comigo depois”. Mas eu não tinha feito

isso tantas vezes? Todo sábado ia lá, beijava o Miguel, saía de cena, depois via as maldades todas, me arrependia, devolvia as moedas para salvar o Mestre, os fariseus recusavam e eu, arrependido, me enforcava (Naquele dia, estava até com um colete por baixo da roupa para que me pendurassem numa árvore e eu parecesse enforcado.). Mas ali era diferente: estava ali minha mãe que é devota de S. Pedro e eu disse a ela que era S. Pedro porque não queria decepcioná-la e agora ela estava vendo a verdade: que eu era Judas Iscariotes e ia trair o Salvador. Seria uma decepção para ela... E pensei em mim também, porque o professor Paulo, que é espírita, diz que Judas Iscariotes traiu o Rei dos Reis e, como castigo, reencarnou depois como Joana d'Arc para ser traída pelo rei da França e sofrer tanto quanto o Cristo. Então, eu quis me livrar também. Está certo que o professor Paulo gosta de se dizer herege (e ele diz isso rindo dos teólogos que declaram o Espiritismo heresia), mas, e se ele estiver certo?

Então eu entrei no jardim e aqueles homens todos atrás, uns com tochas acesas; outros, soldados com espadas afiadas. E eu parei, sem coragem. Vacilei e fiquei pensando no que fazer. Queria voltar atrás, dizer que Ele não estava ali; quando dei meia-volta para dizer ao pessoal para ir embora, que eu estava enganado, vi padre Estevão que pigarreou para mim, forte e repreensivo. O que fazer então?

Se eu dissesse que o Cristo não estava entre eles, os fariseus me forçariam a voltar na noite seguinte; então eu teria de entregar alguém. Pensei em Pedro, mas esse só foi valente no primeiro momento, cortando a orelha de Malco;

depois, quando viu que iriam condenar o Senhor e que ele poderia ser crucificado com ele, negou-O três vezes. Pensei então em João Evangelista, o discípulo amado. Era ele quem estava sempre mais perto do Mestre. Símbolo da castidade, era virgem, ao contrário de Pedro, e não deixaria viúva nem filhos. Era então a melhor escolha: apesar da pouca idade, tal era seu amor pelo Nazareno, que não duvidaria em morrer por Ele; além do mais, Ele poderia ressuscitá-lo como fizera a Lázaro. E foi a ele que beijei.

— Está maluco?! — gritou logo Seu Francisco, o soldado mal-humorado. — Não é ele!

— Como não?! Sou eu que O conheço — respondi, para que ele conhecesse o seu lugar. — Não foi o que combinamos? Que eu lhes apresentaria o Mestre?

— Mas esse aí nem barba tem! — continuou o implicante.

— Mas o Rabino de Nazaré é mesmo jovem e sempre foi inteligentíssimo! Aos treze, já discutia com os doutores da Lei! Prendam-no logo antes que fuja!

— É a mim que vocês procuram! — interpôs-se Miguel, quando Malco começava a amarrar as mãos do discípulo amado.

— João — disse eu a Miguel —, você é o discípulo amado e está fingindo ser o Mestre para morrer no lugar dEle! — E pisquei discretamente para que ele entendesse. — Levem-no, rápido! — Ordenei e, puxando Miguel para um canto: — Mestre, é ao Senhor que querem matar. Deixe que João morra em Seu lugar. Depois poderá ressuscitá-lo.

— Não! Não! Nããããoooo! — gritou Miguel. — É a mim que vocês vieram prender! Eu sou o Cristo!

Aí eu não pude aguentar: esmurrei Miguel para que ele se calasse e não nos impedisse de matar o inocente errado a fim de salvar o Inocente Certo. Miguel perdeu as estribeiras e ia me bater de volta, mas eu, mais que depressa, falei para impedi-lo desse pecado: — Me perdoe! Foi por uma boa causa!

E lá foi Diego na pele de S. João Evangelista perante Caifás, dali para Pilatos, para Herodes e para Pilatos de novo, sofrendo tudo que caberia ao Mestre sofrer. E sua inocência parecia tão patente que os soldados e demais infiéis não o maltratavam com a mesma força que maltratavam Miguel nos ensaios. Só Seu Francisco que descontou a raiva de me ver mudando a história batendo com mais energia do que nos ensaios. Se o chicote fosse de verdade, o Diego estaria morto.

Eu já ia me enforcando, porque me dei conta que, para salvar o Inocente, havia condenado um inocente da mesma forma, quando lembrei que Pilatos poderia querer trocá-lo por Barrabás. Então vivi um pouco mais para convencer o povo a libertar o bandido, pois, se libertassem o Evangelista, Jesus voltaria a correr perigo. Findo isso, lembrei-me de novo da inocência da vítima e enforquei-me.

Desesperador foi ver o ladrão arrependido pedir a S. João para levá-lo para o Reino dos Céus e ele não poder lhe dar nem mesmo esse conforto na última hora. Deu vontade de suicidar-me de novo.

Por fim, S. João foi deposto na caixa de madeira pintada fingindo um jazigo de mármore e, no domingo, o Nazareno fez com que os soldados que vigiavam a tumba desmaiassem, abriu a tampa e ressuscitou o discípulo amado. Nada mais tendo a fazer, Ele, antes de subir aos Céus, disse:

– Lamento, mas, por culpa de Judas, que não me entregou aos Meus inimigos, não haverá nenhuma Igreja para Pedro chefiar. A fé cristã não poderá existir. O Consolador prometido não virá. Nenhuma esperança resta à humanidade.

E foi-se.

Terminada a representação, padre Estevão me fustigou:

– É isso mesmo, Seu Fernando! Se Cristo não morreu para nos redimir e não ressuscitou dos mortos, não haverá Igreja; os cristãos não se reunirão nas catacumbas; a pregação cristã não se difundirá pelo mundo através do Latim Vulgar que dará origem às línguas neolatinas; Constantino não se converterá à fé cristã; os cruzados jamais irão a Jerusalém; Cristo não aparecerá a Afonso Henriques e não haverá a nação portuguesa; Dante não escreverá a *Divina Comédia* e a Itália não terá sua língua nacional; Gutenberg não publicará a Bíblia; o papa não concederá as polémicas indulgências; Lutero não terá contra o que protestar: assim sendo, a Alemanha também não terá sua língua nacional, baseada em sua tradução da Bíblia; José de Anchieta não dará início ao teatro brasileiro; católicos e protestantes não se matarão na Europa, em Pernambuco e

no Rio de Janeiro; os mórmons não colonizarão Utah; Hippolite Rivail não se tornará o herético Allan Kardec a quem seu querido professor Paulo segue; o pastor Martin Luther King não defenderá os direitos civis dos negros; João Paulo II não apoiará os sindicalistas poloneses contra o regime socialista; não haverá Teologia da Libertação nem igrejas pentecostais; José Saramago não escandalizará ninguém; a missionária Dorothy Stang não morrerá defendendo os povos da Amazônia; e, pior para você: Leonardo da Vinci não pintará a Santa Ceia; por isso, Dan Brown não escreverá *O Código da Vinci*; por isso, não haverá o filme com Tom Hanks; por isso, você não levará a Juliana ao cinema; por isso, você jamais a beijará! Percebe agora o estrago que fez?!

Assim ele me fez ver que eu tinha destruído toda a civilização ocidental (mas foi com a melhor das intenções) e jamais poderia namorar a Juliana. E, se eu não saísse correndo dali, era capaz que ele e o Seu Francisco me arrancassem as orelhas.

Nem tenho mais coragem de aparecer na igreja depois disso. Nem no confessionário. Por isso, peço que o senhor me absolva. Prometo que no ano que vem farei tudo certinho (Isso se padre Estevão ainda quiser arriscar, ao invés de exibir o filme do Mel Gibson como Seu Francisco queria) para que o senhor volte a ser papa e eu possa beijar a Juliana outra vez.

Cordialmente,

Fernando.

4.º andar

Antes do próximo verão

Tiago Arauto

Aos doze anos o primeiro ato errado.

Primeira vez com o terceiro namorado.

Rebeldia sem causa, mas afinal.

A família dela é nobre e tradicional.

Aos treze anos, segunda expulsão.

Desacato à autoridade, duas pedras na mão.

Com seus *piercings*, seu cabelo colorido.

Sentimento à flor da pele, coração partido.

Quatorze anos, três porres por semana.

Da bebida mais barata que tiver.

Depois de vomitar, sempre cai na cama.

Tudo bem, isso é tudo que ela quer.

Aos quinze anos, os pulsos cortados.
Começa a perceber que algo está errado.
Entre a vida e a morte que ela anseia.
Há um abismo e ela está na beira.

Aos dezesseis nem a reconheci.
Foi ela que veio e me falou:
— Meu amigo, pra mim acabou!

Passou um tempo, só agora.
Fui ver onde ela mora.
E lhe deixei uma flor.

5.º andar

Bala amarga

Edih Longo

A dor se abriu rubra dentro de mim. Rasgou-me em retalhos. Olhei-me e ouvi uma música de quadrilha. Parecia em outro segundo que era um espantalho cercado de milho por toda a parte. Na camisa, o sangue era vermelho e gosmento.

No instante seguinte, nada mais.

Minha família:

- Papai tinha um tapa-olho e uma mão de gancho.
- Mamãe tinha nariz com verruga e uma maçã escondida nas costas.
- Meu irmão vestia uma camisa de listras e um enorme número na frente: 131-313.

Quando acordar, vou jogar no bicho, foi o único pensamento plausível. Aí que percebi que pelo cenário em que estava, não acordaria mais tão cedo. Só do lado de lá, isto é, se lá tiver um lado.

Minha casa:

- A cozinha estava na frente e a sala nos fundos.

- O cachorro miava e a gata latia.

- No andar superior que era no porão, os ratos lambiam as casquinhas de bolachas Maria que, como sempre, eu comia antes de dormir.

Fui tomar o leite e já era. A gata que agora latia, lambia a barbicha me olhando sorrateiramente. Gata brasileira viciada, bah!

Meus sabores, odores e meus hobbies:

- Fugiram.

- Não sinto nada.

- Nem o meu próprio cheiro.

- Meus livros.

- Minhas músicas.

- Meus filmes. Tudo aparecia desse jeitinho que os senhores estão visualizando: com marcadores, parecendo uma lista de compras de uma dona de casa.

Tudo o que me pertencia e que me dava prazer queimava em uma enorme fogueira no quintal que não era nos fundos, mas na frente. E o meu peito queimava junto com uma dor pessoal e intransferível como um cartão de crédito, ou o pior, uma dívida de jogo.

Como um filme, a mocinha que eu ia beijar não apareceu. Meu melhor amigo de longe me mandava um beijo, enquanto ele próprio a beijava na boca. Um fim do fim de um filme branco e preto. Sem a genialidade de Spielberg, só um velho filme desbotado pelo tempo.

Morri num sábado. Tiroteio em um assalto quando voltava de uma balada. Bem feito! Estraguei o final de semana de todos. Não gostam de mim. Cumprem regras sociais. Bah, tchê! Pô, meu! Óxente, bichinho! Uai, sô! Não encham o meu saco. Desculpem, mas desconheço as demais expressões. O Brasil é muito grande e nem tive tempo de entrar no Google.

Passarinhei em torno de mim e da galera festiva; parei um pouco do lado e fiquei só escutando as piadinhas infames que contam em todo funeral só para passar o tempo. E o coitado do defunto fica por um breve minuto sossegado. Só queria uma dor bem pequena que coubesse em meu peito.

De repente, chega uma desvairada parecendo uma onça, vestida dos pés à cabeça de animal printe, começa a chorar. Olho-a com enfado e reconhecimento. A terceira mulher de meu pai. Perua! Chorando para mostrar para a sua plateia que adorava o enteado.

Empunhei o dedo do meio da mão direita; mijei nas flores do meu caixão (odeio flores!) e, mandei todos a... Sacaram, né?

Uma bala perdida, amarga que só, cortou-me o enredo, comentavam com caras de quem para eles tudo isso é tão frugal! Fazer o quê, né? São os tempos atuais, nada demais. Fiquei famoso. Saí nos jornais televisivos. Por instantes. Coitado! Com apenas dezesseis anos. Mas mal sabem todos que, para onde eu for, viverei plenamente minha adolescência. Vou zoar até alguém se enjoar de mim e me mandar renascer.

Está certo. Sei o que estão pensando... Já estou até com saudades de mim. E olhem que tenho a maior autoestima do mundo! Nem tive tempo suficiente para ser útil para alguém pela minha própria vontade ou fazer parte de um cenário mais digno.

Sei lá, adoraria ter um filho para amar melhor do que fui amado. Uma mulher para respeitar mais do que minha mãe foi respeitada. Ser um pai presente, não um pai que só sabe dar o presente e se ausenta da presença do filho.

E, principalmente, adoraria ser um pesquisador ferrenho para descobrir a solução definitiva para o câncer. Tanto da sociedade quanto do corpo humano... Ainda bem que a família doou todos os meus órgãos. Morro mais satisfeito. Nem tanto, né? Mas, viro um herói de alguém.

E o panaca aqui, se não estivesse morto, morreria de raiva por morrer de vontade de espirrar no meio de cravos e alecrins. E morreria de raiva, parte II, pois nem terminei de ver o VIII episódio do Star Wars: os últimos Jedi. Que m...!

É isso aí. Esse foi o meu **FIM**.

6.º andar

Jovens da madrugada

Abner Rosa Oliveira

Jovens da madrugada,
com suas libidos baixas,
São criaturas noturnas,
durante o dia estáticas,

Em doses homeopáticas,
bebem vida e garapa,
conversam pelos dedos,
E engolem lágrimas
em vodca barata,

Constroem muros invisíveis,
divisórias interplanetárias,
Tão mergulhados em si mesmos,
criam guelras no diafragma,
E orbitam problemas e dilemas em outra galáxia.

7.º andar

Ambiente carregado

Evandro Valentim de Melo

– Não li todo o material. A maioria é de adolescentes?

– A maioria não; todos. Um desafio monstro.

– Sinto-me como se estivesse prestes a atravessar um campo minado. A energia que emana do ambiente é absolutamente negativa.

– Bem, fomos preparados para lidar com esse público.

– Lembrei-me de um filme dos anos 1990, protagonizado por Stallone, como policial. O papel de vilão coube a Wesley Snipes. Condenados, a pena de ambos foi se submeterem ao congelamento por criogenia, para só despertarem muitos anos depois. Durante todo o tempo, nesse estado, eles receberam ensinamentos. Confesso que acharia muito bom se os adolescentes passassem pelo mesmo tratamento. Atravessariam todo o período crítico para só serem despertados quando ‘amadurecidos’ e capazes de não fazer besteiras.

Nesse caso, penso não ser possível a vida imitar a arte. A interação com o ambiente, com pessoas de carne e osso e os problemas dessa relação nos calejam, nos moldam.

– Ou não. A prova está aí do outro lado dessa parede. Deviam ter baixa imunidade a problemas. Quantos na turma?

– Cento e vinte e dois. A cada um foi atribuído um numeral. Todos enfrentaram problemas complexos com os quais não souberam lidar. Podemos acessar os arquivos pessoais e conhecê-los. O repositório de dados e informações é gigantesco, bem detalhado.

– Vamos conhecer alguns.

– Certo. Sortearei uma pequena amostra, cinco, em escolha aleatória. Aí estão: 29, 61, 79, 83 e 101.

– Quem dera fossem como esses numerais. Percebeu que todos são números primos?

– Só agora que você falou.

– O que há sobre o 29?

– Não é “o”, mas “a” 29. Chama-se Estela.

– O nome significa estrela.

– Apesar desse sentido do nome, ela mergulhou na direção oposta; chegou ao fundo do poço. Depressão pós-ensino médio.

– Não é simples a travessia, ainda que imprescindível aos jovens.

– Nem todos lidam bem com essa fase. Estela, que sempre foi uma menina esguia, passou dos oitenta quilos. A pele se encheu de acne. Reações ao estresse. Passou a se sentir feia, excluída... Isolou-se.

– Essa molecada é muito frágil mesmo.

– Se os pais soubessem o quanto o comportamento deles favorece esse tipo de consequência, aliviariam as cobranças.

– “Você culpa seus pais por tudo / Isso é absurdo / São crianças como você / O que você vai ser / Quando você crescer?...”. Muitas vezes os próprios jovens tornam-se algozes de si mesmos. Nem precisam de ajuda para isso. Mas prossigamos, 61 é do sexo masculino ou feminino?

– Sua pergunta guarda profunda relação ao problema enfrentado.

– Homossexualidade?

– Na mosca.

– O que mais há no arquivo?

– O nome de batismo é João Evangelista. Tão logo atingisse a maioridade, a intenção dele consistia em se submeter à cirurgia de mudança de sexo, de nome. A família lhe virou as costas, desde que as suspeitas da orientação sexual do menino se confirmaram. A vida dele se transformou em um verdadeiro inferno. Um tanto paradoxal, os pais de João Evangelista escolheram esse nome em decorrência da religião que praticam.

– Nem me diga qual é. Creio que esse jovem é mais um vitimado pela depressão. Apenas percorreu um caminho diferente do de Estela. Passemos à pessoa que recebeu o numeral 79.

– Resumirei em uma só palavra a principal variável do 79 e do 83: drogas. O 79 se chama Antônio; o 83, Aloísio.

– Suponho haver muitos outros aqui com esse problema.

– Infelizmente, você tem razão. A maioria. No caso do 79, família pobre e numerosa; pouquíssimas oportunidades de mudança de condição social; não quis nada com os estudos e por aí vai. Perfil ideal para aliciadores do tráfico. Esses jovens começam como meros entregadores de drogas, as ‘mulas’. O pagamento pelos serviços é rápido. O problema é que eles próprios se viciam. Ficam endividados, sem condições de pagar seus “patrões”. Já a realidade do 83, ao menos no que se refere à condição social, é no outro extremo: família rica, privilegiada.

– Conte-me mais.

– Aconteceu em uma festa. Do tipo que os adolescentes costumam venerar. Em uma mansão com tudo o que as leis proíbem aos menores de idade. Entre esses, LSD. Foi desafiado a experimentar. Pôs na boca três ‘selos’ dessa droga. O vício não escolhe idade nem classe social. Como blindar os adolescentes?

– A resposta a essa pergunta vale um milhão de dólares. Vamos ao 101.

– Essa faz parte do grupo das mais novas. Apenas 14 anos.

– No arquivo, o que consta?

– Conhece o termo alienação parental?

– Foi abordado em nosso treinamento, mas minha memória...

– De forma resumida, ocorre quando, por exemplo, uma mãe que se sentiu abandonada, traída quando do término do relacionamento conjugal, age por vingança e passa a manipular os filhos, desconstruindo, deturpando a imagem do pai, por ter deixado o lar em que vivia com a família. Separações não são fáceis para nenhum dos envolvidos, imagine para uma jovem de apenas quatorze anos. Fim da amostra. Mais de cem, que nos aguardam. Preparado?

– Sinceramente? Não.

– Ué?!

– Sinto-me inseguro, como um adolescente diante de tantos adolescentes problemáticos.

– Nunca nos disseram que seria fácil.

– Dê-me mais um minuto.

– Cronometrando...

– Pronto, vamos.

– Certeza?

– Plena. Utilizarei Jean-Paul Sartre e Maquiavel.

– A condução é sua.

Um sinal sonoro acompanhado da mudança na iluminação sinaliza aos adolescentes, que a preleção começará. A porta se abre e duas figuras adentram ao ambiente. De um emana aura cor-de-rosa, já do outro, a cor da aura é verde. É dele que o público ouve:

– Estamos aqui para conduzi-los, apoiá-los. Adianto que não serão tratados como incapazes, como criaturas frágeis. O que nos guiará nessa caminhada para um novo patamar, baseia-se em uma das contribuições de Sartre, filósofo francês. Não me recordo como é textualmente, mas há extrema sabedoria no que ele nos legou. É mais ou menos assim: não importa o que a vida fez com você, mas sim o que você faz com aquilo que a vida fez com você. Vocês acham essa turma grande? Acreditem, não é. Levando em conta apenas o ano de 2018, a quantidade de pessoas na mesma situação supera onze mil. Nossa meta é evitar que todos vocês se suicidem de novo. Vamos iniciar os trabalhos. Desejo sucesso.

8.º andar

A roupa colorida

Arthur Furtado Tomain

Eu, irremediável eu,
Muito jovem pra não estar apaixonado,
não está no tempo de ser áspero.
Isso mesmo: música animada!
Encontrar-se com os iguais pra dar risada...
É cedo pra maldizer a vida.

E quando maldisser
ou estiver na tristeza típica de mais idade,
lembre-se do já passado eu.
Dos momentos que tremeu, venceu.
Deixa essas memórias cuidarem de você.

9.º andar

O primeiro beijo

Maíra Marques

Não sei explicar como foi meu primeiro beijo. Tipo assim, era uma mistura de “baba” com restos de bolacha. Não havia condições de aquilo ser um beijo incrível como as pessoas descreviam! Ele tentou colocar a língua na minha boca e... ARGH! GENTE, NÃO É POSSÍVEL! Como tem pessoa que consegue gostar disso? Não deu. Chega. Isso não é pra mim. Empurrei o pobre galã da rua e: vomitei. Lindamente joguei todos os alimentos triturados com uma mistura ácida que parecia corroer meu esôfago na roupa do cidadão mais bonito da rua da casa da minha avó.

– Sua maluca! – ele gritou. – Que coisa mais nojenta... Você fede.

O que uma coisa tinha relação com a outra? Não sei. Mas quem entende os adolescentes, não é mesmo? Se eu iria voltar para essa rua? Nunca mais.

Então, é isso. Não nasci para beijo, não nasci para relacionamentos e cheguei à conclusão de que sou assexuada. Pois é, minha gente... Minha vida sexual nem bem começou e já teve um trágico fim.

Óbvio que cheguei à escola e contei para a Thamires, minha melhor amiga, o que tinha acontecido. E claro que ela teve um chique e começou a falar alto para a sala inteira ouvir (não com essa intenção, que fique claro, ela que é escandalosa mesmo).

– Eu não acredito que você, Anelise Vieira dos Santos – detesto quando ela fala meu nome completo – vomitou no chuchuzinho do Reinaldo. Miga, cê tá doida, né?

– Fala baixo, sua retardada. – Olhei para os lados. Com certeza alguém tinha ouvido essa gralha e a pouca reputação que me restava foi para os ares! – O beijo foi estranho, não sei explicar. Era muito molhado, sei lá, sebososo...

– SEBOSO? – Sim, sim, sim, definitivamente esse foi o grito que acabou com o pouco que restava da minha vida e agora eu quero enfiar a cabeça no buraco igual um avestruz.

– Oi, meninas. O que tá pegando?

Eu queria dizer que nada estava acontecendo, mas a Thamires gritou tantas informações relevantes para qualquer pessoa com o mínimo de cérebro sacar a conversa, que agora seria impossível enrolar o Léo.

– Meu primeiro beijo foi horrível – tentei responder da maneira mais natural possível.

– Você era “BV”? – Léo esbravejou. BV é a sigla mais idiota que já inventaram para quem nunca beijou na boca. “Boca virgem”.

Agora sim a minha vida nessa escola chegou ao fim. Adeus conhecidos, vejo vocês no inferno.

– Caramba, vocês têm problema nas cordas vocais?

– Miga, você sabe que isso não é normal. Temos dezesseis anos. Todo mundo já beijou. – Não senti firmeza nessa última frase da Thamires, mas achei melhor não comentar sobre isso agora. – E não é porque sua primeira vez foi um fracasso que você deve desistir.

– Pois é. – Lá vem o Léo. – Você não é a coisa mais linda desse mundo, mas é uma garota com charme. – Juro que tentei levar isso como um elogio. – Talvez o rapaz que não seja bom de boca, só isso. Você precisa de alguém com mais experiência...

– Como quem, Léo? Você?

Eu juro que se eu tivesse uma metralhadora nesse momento, teria atirado na Thamires até ela ter furos em cada partezinha do seu corpo. Léo é o meu *crush* desde a terceira série e a bendita sabe muito bem disto.

– Quem sabe? – Fiquei vermelha com essa resposta, tenho certeza. Meu Deus, Anelise, respira!!! – Vamos nos encontrar na rua do cemitério ao fim da aula, só preciso resolver um assunto com os garotos, beleza?

Léo deu uma piscadinha pra mim e saiu.

Léo deu uma piscadinha.

Piscadinha.

Pra mim.

SOCORRO!!!

Agarrei o braço da Thamires e com certeza aquilo deixaria marcas. Precisava de um chiclete para amenizar o mau hálito, precisava de um perfume... Na verdade, precisava de um banho e uma geral em um salão de beleza, mas nada disso estava fácil de conseguir neste momento.

EU VOU BEIJAR O LÉO! Sabem como isso será o evento mais importante da minha vida?

– Meu Deus, Thamires, eu não posso ir sozinha.

– Pode sim, você sempre sonhou com isso.

– Thamires, me ajuda. É o Léo! — eu estava surtada, certeza. — Como vou beijar o Léo se nem sei o que estou fazendo? Minha primeira experiência foi horrível! Você. Vai. Comigo.

– Obrigada, mas não.

– Vai, sim!

– Vou, não.

– Você me colocou nisso, então vai. E acabou.

Céus, eu estava ansiosa e com muito medo ao mesmo tempo. É a primeira vez que os gritos da Thamires trazem bons resultados. Acho que vou vomitar de ansiedade... Não, espera. Apague “vômito” da lista. Vomitar não é legal.

* * *

– Thamires, será que aqui tá legal? Tô achando muito visível.

Estávamos escondidas em um dos cavaletes da rua próxima ao cemitério. Thamires havia mandado uma mensagem para o Léo, avisando onde estaríamos. Ele respondeu com um seco “ok”, mas poderia ser apenas minha imaginação, mensagens instantâneas são assim, não temos como prever o que a pessoa do outro lado da tela está sentindo.

Ok.

Passou-se uma hora. Tudo bem, ele disse que tinha outra coisa pra fazer.

Ok.

– Posso perguntar se ele vai demorar muito... – sugeriu Thamires.

– Não... Ele deixou claro que tinha um compromisso antes. Vamos esperar só mais um pouco.

Mais uma hora. Nenhuma mensagem.

– Ai, vou mandar...

– Thamires, não...

Não a impedi, uma parte dentro de mim realmente queria que ela mandasse uma mensagem. “Vai demorar? Estamos com fome.”

Mais uma hora.

A resposta finalmente veio: “Não”.

Ok.

Ok mesmo.

É isso, gente. Vou morrer com a lembrança horrível do meu beijo com o Reinaldo. Meus futuros sobrinhos (porque não terei filhos) irão rir toda vez que eu contar essa história e desejar que nunca aconteça isso com eles.

– É... Melhor irmos embora...

– Ane... – Thamires segurou meu ombro esquerdo gentilmente, talvez tentando me consolar. – Não fique triste por hoje. O Léo é um idiota e isso não é nenhuma novidade.

– Você tem razão... – Mas é difícil não se achar uma bosta, né? – Não sei como eu pude me deixar levar pela conversinha imbecil dele. Não deixe que isso se repita, tá?

– E olha... Sobre a questão do primeiro beijo... Apesar de eu não ter experiência nenhuma nisso...

– Quê!?! Você sempre disse que perdeu o BV com seu primo, sua cretina!

– Tá, tá... Deixa eu terminar, sua doente. – Thamires respirou fundo. Notei que ela precisava de muita concentração e coragem, então mudei minha cara de quem a estava julgando por mentir. – Não tenho experiência, mas quero acabar com a sua decepção.

Então ela me aconchegou de surpresa em seus braços e me beijou. De início eu não sabia como reagir, apenas retribuí com medo. Não queria vomitar na minha melhor amiga. Mas então... Fui ficando mais à vontade, retribuindo ao abraço dela e deixando que sua língua invadisse minha boca com a suavidade que apenas a Thamires tem. E foi bom. Sem ânsias ou resto de bolacha pelos lábios. Como ela sabia fazer isso tão bem? Bom, não importa, o importante é que agora posso passar uma borracha na aberração que foi beijar o Reinaldo.

Meu primeiro beijo foi com a minha melhor amiga.

10.º andar

Paixão adolescente

Ana Carolina Gonzaga

Acordei um belo dia e
me dei conta sou adolescente,
porque o sorriso daquela menina,
no primeiro instante foi o que veio em mente.
Como eu queria navegar
no sorriso dela
igual àquela aquarela de Toquinho,
um barco à vela.
Eu sinto que amadureço
quando mudanças em mim desconheço.
Coração apaixonado
perto dela desconsertado.
Ah, eu preciso dizer a ela:
Você é o ar que eu respiro!
Não se engane, coração amigo,
Pode ser coisa de menino.

11.º andar

Guerra de mexericas

Aldirene Máximo

1998. A sobremesa da merenda foi mexerica. Dois alunos, querendo tornar a vida mais divertida, começaram a brincar com as cascas da fruta. Um joga no outro. Outros alunos entram na brincadeira. Em menos de cinco minutos, tudo se transforma numa guerra. O pátio inteiro está sujo. Meninos e meninas riem. Eu, de longe, só observo.

Não quero perder nenhum detalhe. Afinal, a história precisa ser bem contada. A brincadeira trouxe consequências. Toca o sinal. Os alunos correm para suas salas. Ninguém denuncia os culpados. Coitadas das tias da limpeza! Como se não bastasse todo o trabalho que elas, verdadeiras heroínas, precisavam exercer diariamente para que os alunos tivessem um espaço organizado para se estudar dignamente, um engraçadinho faz isso.

Sim, o autor da brincadeira conseguiu mudar a rotina da escola, por um mês: todos os dias, os alunos, como castigo, ficaram responsáveis por limpar a escola. Até mesmo os que não foram cúmplices da brincadeira. A diretora, que zelava pela reputação de sua gestão, apenas disse que os alunos precisavam aprender desde cedo que a

escola da vida iria cobrar de todos eles: ordem, disciplina, ética e respeito. Foi assunto no jornal da escola.

Serviu de exemplo para as demais turmas. Acredito que tenham aprendido a lição. Afinal, a escola era grande e mantê-la limpa, não era tarefa fácil para os adolescentes desta história, que após este episódio, escolheram outro caminho: no lugar de fazer guerra com cascas de mexericas, decidiram fazer guerra, provocando terremotos e erupções, nos corações das meninas.

12.º andar

O eu perdido

Emanoel Santos Fernandes

Houve um dia
num tempo da alma
que eu queria salvar o mundo...

Meu riso era verdadeiro
e não para fechar negócios,
meus dedos, ligeiros para cocegas,
percorriam a pele delicada da namorada...
e agora meus olhos ligeiros
buscam cálculos financeiros
no laptop,
enquanto ela chora aos domingos
em casa.

Hoje mais cedo
gargalhei
enquanto pensava em escrever o poema
lembrei de um dia
em pensar ser adulto
e via uma magia...

como poderia ter
se não me permito ser,
se me perdi do meu eu
adolescente.

Ele tinha mais vivência
no mundo
e por imprudência
fiz de tudo
para abandoná-lo
fazer meus passos
e nesse dia
nasceu o eu adulto

e nunca mais soube
daquele rapaz sincero
que um dia lhe coube
salvar de mim o mundo...
Eu adolescente.

13.º andar

Super D

Regina Ruth Rincon Caires

Interessante pensar num nome! Criar um...

Qual será o nome que darei ao meu personagem?!
Vamos ver...

“Pimpolho”, não! É muito infantil. “Zangado”, não!
É muito áspero. “Super D”... Isso, eu gostei! O nome se
parece com ele. Este é o meu personagem: “Super D”.

É uma pessoinha curiosa, desconfiada, inteligente,
ativa, terrivelmente desorganizada e com olhinhos de raios-x.
Isso mesmo! Tenho até receio de procurar ler a mensagem
dirigida pelos seus olhos! Quando procuro entender alguma
de suas atitudes “estranhas”, fica difícil encontrar o nexo, é
preciso procurar muito. É uma viagem!

Não sei se é pelo tanto que lê, ou se pela
precocidade desse hábito, noto que suas ideias seguiram
muito adiante do real, provocando certo atropelo entre os
valores “normais” da vida. Ama a liberdade de maneira
exacerbada, achando que ela é incondicional e total, fazendo
com que cada pessoa, desvencilhada de tudo e de todos,
possa tomar o rumo desejado no momento em que achar
certo, sem regra, sem limite. Estou aqui, quero sair, não

importa a hora, não importa o compromisso assumido, não importam os laços que me prendem, nada importa. Saio sem explicar, sem deixar recado, simples assim. Para ele tudo é visto desse ângulo.

Paro para pensar se não é um caso de alienação completa ou egocentrismo exagerado. Ao mesmo tempo, penso que tudo pode ser apenas uma questão de emoções não definidas e não separadas em seus respectivos departamentos. Passo dias nesta análise, buscando respostas.

“Super D” é calado, metuculoso, pensativo, irreverente. Fala o essencialmente necessário, mas age como formiguinha. Elétrico, não para um segundo e maquina a sua cabecinha incessantemente. Isso preocupa... Ideias demais, juízo de menos...

Percebo agora, quando tudo já se tornou confuso, que “Super D” teve momentos doces, cautelosos, solidários. Esses momentos passaram despercebidos aos olhos dos adultos, daqueles adultos que realmente importavam e completavam o seu mundo. E, como tudo que não se valoriza, esses momentos escorregaram por entre os dedos, feito areia. “Super D” não teve dúvidas... Pensou, avaliou, reavaliou e, dentro desse seu mundo, cultivou aquilo que realmente dependia dele, somente dele, e deu a cada anseio a liberdade de um pássaro. Suas vontades voaram soltas, sem limites. Isso mesmo, sem limites. Tornou-se descomedido, afoito, e com isso veio, a reboque, a desorganização.

Seu quarto é um depósito, ou melhor, um disparate. Brinquedos, cadernos, gibis, livros, roupas, calçados, vasos com plantas minúsculas, vasilha com água para regá-las...

Tudo jogado, amontoado. Rebuliço completo! As portas do armário decoradas com figuras loucas, esportivas, eróticas. Um verdadeiro caos!

A porta é sempre uma armadilha. Quem ousar entrar sem anuência prévia, certamente será recebido por uma máscara aterradora presa a um travesseiro, por um jato de água, ou pela ligação direta do aparelho de som num volume capaz de assustar até o mais lerdo de ouvido. As armadilhas são cuidadosamente preparadas e maquinadas, com aprimoramento cada vez mais avançado.

Nesse mundo louco do seu quarto, com o som da música nas alturas, “Super D” encontra a sua paz. Chega a ser contraditório, mas é verdadeiro. Bobagem tentar por ordem em seus objetos! Desordena a sua cabecinha. No meio de tanta confusão é capaz de encontrar, a qualquer momento e em frações de segundo, o brinquedo ou aquilo que procura. Incrivelmente assustador!

Na escola é um mistério. Concentrado, comportado, gentil, amado. Seus deveres são feitos de maneira fugaz. Ninguém o vê estudando fora da escola. Diz abertamente que não gosta de estudar, que é apenas uma obrigação. E é um aluno brilhante, muito acima da média. Coloco isso na conta da sua inteligência. Não há outra explicação!

Tudo isso surpreende! Acho que aí está o fascínio que ele desperta nas pessoas que o cercam. Incrivelmente rebelde, literalmente egocêntrico, totalmente sem limites, e profundamente amado.

Quando dorme, seu semblante lembra um anjo. Rosto sereno, saudável, perfeito, artisticamente desenhado, querido. Não fosse a agitação do sono, lembraria o repouso de um recém-nascido.

Acordado é um terror! A bola, sempre com pontaria certa, não para de carimbar os lustres, os pratos da parede, o relógio, as portas, a cabeça dos que passam, quando não carimba lugares piores, é claro! Um furor! Tê-lo por perto é como esperar, a qualquer momento, a explosão de uma bomba, um terremoto, um dilúvio... Tudo pode acontecer.

Interessante como abre e fecha as portas. Usa o pé. Chega a tremer o batente, treme a parede, parece que o lustre fica prestes a cair. Uma loucura!

Chamar a atenção?! Perda de tempo... Método exaustivamente empregado. Olha com ar meigo, arrependido, promete não repetir a cena. Em menos de quinze minutos esquece todas as juras. Quinze minutos já é um grande prêmio! Quase sempre, bem antes disso já repetiu a dose.

Castigo?! Inútil... Não surte efeito. Parece que fica acuado, machucado, enraivecido. Não é por aí... Ideal seria se compreendesse, se descobrisse o seu limite. Depende dele. Tenho certeza de que ele vai chegar lá! Enquanto isso não acontece, o jeito é amortecer no peito, ajeitar de canhota e rebater.

Dialogar?! É enervante... Fica desligado, com um sorriso entre o irônico e o ausente. Quando procuro trazê-lo

de volta ao papo, olha-me sobressaltado, com ar de quem não pegou o fio da meada. Não... Além de desgastante, é infértil. A esperança é aquele velho refrão: “das boas palavras sempre fica uma sementinha”. Tomara!

Assim é “Super D”. Adora plantas! Cultiva-as aos montes. São inúmeras espécies, sempre minúsculas. A mais extravagante no tamanho é um pé de limão que ele insiste em deixar no quarto. Sempre o coloca perto da janela porque sem a luz do sol não produzirá frutos. No fim, chego até a torcer para que realmente frutifique!

Em cada vaso, uma tabuleta, artesanalmente feita, com o nome dado a cada planta. Nomes excêntricos: Genoveva, Porfíria, Madonna, Cacilda, Rita Lee... Tenho a impressão de que conversa com elas. Estão sempre bonitas, viçosas! Se for verdade que as plantas sentem as vibrações do ambiente, estas devem estar entorpecidas, devem ficar alucinadas quando “Super D” ouve o seu “discreto” som. Acho que chegam à beira de um colapso! Se pudessem, acho que gritariam desarvoradas!

Sabe o que me preocupa mesmo?! Várias vezes encosto o ouvido na porta do quarto para me certificar de que não há nenhum barulho estranho. “Super D” seria bem capaz de criar algum bicho ali dentro! Seria até possível criar um mico no meio daquelas plantas. Meu Deus! Tremo só em pensar!

Bonito é vê-lo entre os amigos. São poucos, mas fiéis. Extraordinariamente unidos. São amizades fundamentadas em anos e anos de convivência. Desiguais, entendem-se, respeitam-se como uma sociedade ideal! Quando se

reúnem, limito-me a servir um lanche, um suco, e supervisiono de longe. Adulto neste momento é extraterrestre, pior que isso, é intruso mesmo!

Engraçado! Eu os vejo como lunáticos. Penso que, se eu firmar bem os olhos, serei capaz de enxergar anteninhas brotarem de suas cabecinhas... Doidice!

E nesse vaivém, entre saltos e sobressaltos, a vida rola. Em certos momentos chego a pensar que falamos línguas diferentes. Fico aflita, incomodada. Ele, sempre na dele. Não se abala com nada, a vida é uma largueza! Pura curtição... Ao mesmo tempo empolgo-me. Firmo o pensamento de que essa geração será privilegiada. Feliz e saudavelmente realizada.

Agora, com sinceridade, o que mais gosto do meu personagem, a mola que me joga para cima, que me enche de ânimo e vontade de viver, é quando vejo “Super D” chegar de mansinho, e, com aquele jeitinho de “lunático sonhador”, dizer:

– Tudo bem, mamãe?!

14.º andar

Quero ser o dono do mundo

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva

Não sou mais criança!

Eu só não sei lidar com o que sou agora.

Continuo sendo a mesma pessoa,

Só não consigo entender.

Será que é preciso explicar?

Quero dar meus próprios passos, livres,

Já que aprendi a andar com meus pais.

Quero poder me expressar,

Impressionante, conflitante

E reconfortante possível.

Meus gritos, minhas percepções

E, principalmente, minhas sensações mudaram.

Quero ser dono do mundo!

Do mundo que, quando eu volte para casa,

Seja o mesmo.

Parece que todos ao meu redor

Me veem

Diferente.

Mas eu ainda quero poder ter a inocência,

A vontade de saber tudo e de, ainda sim,

Não saber nada.

Será que é preciso explicar que sou adolescente?

Mas que não quero deixar minha infância

Tão longe

E aquela coisa de ser adulto,

Tão perto.

15.º andar

Emancipação prorrogada

João Eduardo Cerqueira

Não via a hora de se tornar dono do próprio nariz, de ser independente. Estava cansado de ter seus pais mandando em cada aspecto, cheios de regras como ele deveria ser e agir. Eles diziam quando e o que ele deveria comer, quando estudar e quando poderia se divertir com seus amigos. Sabia que os pais só desejavam o seu bem, que se tornasse um homem de sucesso. Porém, já estava com 16 anos e achava que sabia o que era melhor para própria vida.

Tinha certeza de que tudo iria mudar no dia em que fizesse 18 anos, se tornaria um adulto completo. Se tornaria livre para fazer somente as coisas que quisesse. Nada mais de estudar, de fazer as tarefas do colégio, de comer saudável, acordar cedo. Com sua carteira de motorista poderia ir aonde bem entendesse, poderia entrar em todas as baladas e beber álcool. Não dependeria mais da mesada para comprar todas as porcarias que tivesse vontade de comer e teria todos os jogos de computador recém-lançados.

Sempre que recebia uma nota baixa no colégio, era impedido de fazer as coisas que gostava. Quando era contrariado, o garoto respondia com mau comportamento. A rebeldia transformava a situação em uma bola de neve

descendo a ladeira. Esse conflito de interesses ia se tornando cada dia mais acalorado. Falava que sairia de casa no dia que ganhasse o primeiro salário e outras coisas do tipo. O rapazinho achava que sua vida estava insuportável e não media palavras para expressar seu descontentamento.

Um dia chegou a dizer que queria ser emancipado, que queria se tornar legalmente independente. Sua mãe não aguentou e caiu em prantos, enquanto o pai, que normalmente era explosivo, ficou quieto. Passados alguns segundos, o pai pegou o menino pelo braço e levou ao escritório da casa. Puxou uma cadeira para o garoto e uma para si. Esticou a mão, pegou um lápis e colocando uma folha de papel na mesa, começou:

— Ora, então você acha que pode cuidar da sua própria vida, não é? — O adolescente, de testa franzida e braços cruzados, assentiu.

— Pois bem, então. Se você quer se emancipar, você vai ter que ter dinheiro para pagar suas coisas. E isto quer dizer, trabalhar. Vamos começar com coisas simples. — O homem começou escrevendo um valor no papel — Isto é quanto eu gasto com mercado por mês nessa casa. Dividindo por três pessoas, dá este valor aqui. É claro que você pode argumentar que come menos do que eu (mesmo parecendo um poço sem fundo). Pode chegar a um valor menor se deixar de comprar as coisas caras que gosta ou passar a comer menos.

— Aonde você quer chegar? — Respondeu o rapaz rispidamente, respirando fundo com toda a sua impaciência juvenil.

— Basta! — O pai fez uma pausa para recuperar o tom calmo que estava disposto a adotar. — Isto é quanto custa sua escola. Claro que você poderia trocar para uma escola pública, mas seus amigos ficariam e você não os veria todos os dias. Neste ponto há um empasse. Se continuar a estudar, terá que arranjar um emprego de meio período, que não paga tão bem. Se estiver pensando em largar a escola, lembre-se de que neste país, quanto maior a sua escolaridade, maiores são as chances de se ganhar bem.

Nos minutos seguintes o homem continuou a colocar número após número na folha de papel, listando os gastos dos mais variados tipos. Falou da energia que teria que pagar, água e o transporte, já que estava fora de cogitação pedir carona a um de seus pais para levá-lo a qualquer lugar que precisasse ir. Lembrou a ele que não moraria mais naquele belo apartamento de 3 suítes na área nobre da cidade. Puxou o laptop e abriu um site de imóveis. Falou sobre locais para morar, mostrando foto de apartamentos e fazendo relação com os preços. O garoto nunca tinha parado para pensar em quanto era caro um aluguel.

Isto deu a oportunidade de falar sobre todos os móveis e eletrodomésticos que teria que comprar, lembrando que teria que dividir em uns 30 meses cada um, para não “pesar” tanto no orçamento. No começo provavelmente teria que comprar somente uma geladeira e um fogão, já que não teria dinheiro para coisas menos

importantes como televisão ou computador. Deixou a lista de valores de um lado e virando a folha passou a listar atividades que teria que executar ele mesmo, já que moraria sozinho. Falou sobre coisas como lavar e passar roupas, tirar lixo de banheiro, lavar a privada, varrer a casa e várias outras tarefas.

— Você deve lembrar também que você dorme 8 horas por dia. A escola vai tomar um turno, o trabalho o outro, e então se sobrar algum espacinho no seu dia durante a semana será para realizar as coisas da casa. Provavelmente gastará boa parte do seu fim de semana para fazer o que ainda não foi feito. — O rapaz não estava mais com raiva ou impaciente, só ouvia as palavras do pai em silêncio, preferindo olhar para o papel e não para o rosto do homem à sua frente.

O pai sabia que estava destruindo o resto de inocência que seu filho tinha, mas agora que tinha começado, era melhor “puxar o curativo de uma só vez”. Continuou com sua lista, detalhando coisas como IPTU, taxas de juros e imposto de renda. Até o momento não tinha usado outra explicação para a fonte de dinheiro que não a palavra “emprego”, mas agora começou a falar sobre quais os tipos de emprego que alguém com ensino médio incompleto poderia obter e quais eram as perspectivas de salários.

— Agora eu te pergunto, garoto, você que ainda não tem disciplina para fazer todos os exercícios propostos pelos seus professores, acha que consegue lidar com isso? Tem coragem para enfrentar tudo de pior que o universo pode

jogar contra você? — O rapaz levantou os olhos para estabelecer contato visual com o pai. Buscava um olhar de triunfo por esmagar a utopia dele, mas o que viu foram olhos cheios de lágrimas.

— Filho, a vida não é fácil para ninguém. Eu e sua mãe fazemos de tudo para te dar a melhor oportunidade para vencer. Sabemos que muito do seu comportamento é culpa da explosão de hormônios da adolescência, mas isso não te dá o direito de agir desta forma. Certamente você sairá de casa um dia, mas somente quando estiver preparado para tal.

— Me desculpa meu pai... — O garoto que agora chorava abertamente, se levantou para abraçar aquele que tanto o amava. Ali, aninhado naqueles braços, o garoto pensou o quanto sentia falta da inocência da infância.

16.º andar

A face oculta

Maria Aparecida Coquemala

Respirações suspensas
em frente à TV:
pai, mãe, filhos adultos
e a menina ainda adolescente,
mas que já leu Clarice
e com ela muito aprendeu.

O clímax do filme está chegando...
Na corda esticada sobre o negro abismo,
com sua vara vai se equilibrando
rumo ao outro lado, o grande herói.
Lá o aguardam o amor, a glória.
Ou, lá em baixo, despedaçado,
onde, só a morte espera.

Súbito... Ó horror dos horrores!!!

Desembestada, voando, entra na sala...

Uma barata!!!

Entre gritos, correria, empurrões,

pai e filhos se atropelam na fuga,

sobre o negro abismo,

o grande herói abandonando.

A menina irônica gargalha:

— *Ah! Bando de fujões! Voltem!*

Que mal pode lhes fazer tão mísero inseto?

Cadê o decantado heroísmo masculino?

E condoída, antes que o gato a alcance,

pela janela aberta, espanta a barata.

17.º andar

Crescer

Joaquim Bispo

Quando o telemóvel emitiu o trinado de nova mensagem, Susana saltou para o agarrar e sentiu o coração acelerar-se. Se este não a enganava, o toque festivo prenunciava que iria ser a rapariga mais feliz da turma.

Nessa manhã, regressara à escola para iniciar o 8º ano. Longe de o sentir como uma maçada, a perspectiva de rever as amigas fizera-a pular da cama cheia de entusiasmo. Não foi preciso a mãe insistir para se levantar. Tomou duche de um jato e vestiu-se a correr. Irritou-se por não encontrar um sutiã completamente confortável. Estavam todos a ficar pequenos. Escolheu um vestido rosa por sobre umas calças de ganga e os ténis azuis. Deu um pouco mais de tempo ao cabelo, sempre solto sobre os ombros. A mãe torceu o nariz à escolha da roupa, enquanto ela engolia uma tigela de flocos. Meteu três cadernos e uma caixa de esferográficas na mochila e desceu as escadas rapidamente. Gostou de sentir no rosto, outra vez, o ar fresco da manhã. Vieram-lhe à memória as recordações de sons e cheiros de outras manhãs de outros anos escolares. Era bom voltar à escola.

Às oito e dez, estava a cruzar o portão da escola. A Mariana já lá estava. Quando chegou a Catarina, abraçaram-

-se as três, pulando e gritando de alegria. Era tão bom revê-las, depois de quase três meses sem se encontrarem. Só os diferentes planos dos pais as separavam. As férias familiares levavam-nas sempre para sítios díspares. Susana começara por ir à terra do pai, lá para as Beiras e depois estivera em Armação de Pera quase um mês. Aí, encontrou os amigos de outros anos e teve umas férias divertidas, mas estas duas eram especiais. Já as tinha por amigas desde o primeiro ano. Se uma se atrasava, as outras duas esperavam para entrarem as três na sala de aula ao mesmo tempo. Iam juntas ao centro comercial, ao cinema... E a um ou outro concerto, mas com o apoio logístico dos pais.

Depois das primeiras trocas de novidades de viva voz, que por telemóvel já tinham feito o resumo, passaram ao encontro com outros colegas. Cada nova entrada era uma festa. Beijos, abraços e gritos. O que mais surpreendeu Susana, neste regresso à escola, foi o ar tão — como dizer? — infantil dos colegas rapazes. Parecia que, em vez de crescerem, ficavam mais pequenos. E continuavam com as conversas parvas do costume. Felizmente que havia novos ingressantes. Um deles era alto, cabelo preto e uma postura de grande autoconfiança. Riram-se as três, nervosamente, quando ele olhou de longe para elas. Algumas perguntas percorriam o íntimo de cada uma.

— De que escola terá vindo? — perguntou Mariana, sem esperar resposta.

«Que idade terá?», pensou Susana.

Mais nervosas ficaram quando confirmaram que o rapagão ficaria na mesma turma que elas.

Nas apresentações da aula de Português B, ficaram a saber que se chamava Filipe e que tinha quinze anos. No intervalo seguinte, ficaram a espia-lo pelo canto do olho e quando ele se aproximou puderam ver-lhe o dourado dos olhos cor de mel. Trocaram piadas e números de telemóvel. Filipe era muito divertido, com um sentido de humor estimulante. E já tinha mudado a voz, o que era um progresso no timbre das conversas do grupo. Parecia que tinham passado de nível neste jogo real.

Quando, ao jantar, o telemóvel retiniu em tom festivo, Susana agarrou-o com nervosismo e tão atabalhoadamente que se lhe escapou da mão e caiu, separando-se a tampa e a bateria. Voltou a montá-lo e leu a nova mensagem:

*kurti bue falar kntg kerx ir oh sinema sabado?*⁹

Reparando na agitação da filha, a mãe perguntou-lhe:

— O que é que se passa, Susana?

— Nada, mãe; foi a Catarina que nos arranjou bilhetes para ir ver A Saga de Thundor, no sábado. Posso ir?

Susana ficou sem saber se o calor que lhe queimava a face era por ter mentido à mãe, se por perceber que este ano escolar iria ser muito diferente dos anteriores.

Com o pretexto de organizar os cadernos, foi para o quarto logo a seguir ao jantar e deitou-se em cima da cama a imaginar como seria o sábado: o que levaria vestido, se ele lhe pegaria na mão, se trocariam algum beijinho. Ele seria atrevido ou tímido?

Hesitava na resposta a dar-lhe: dizer que sim, sem mais, ou dizer que ainda não sabia se podia ir, para ter tempo de o avaliar melhor? Até podia dizer que no dia seguinte fariam sobre a ida ao cinema.

O telemóvel retiniu de novo e Susana, de novo, saltou a apanhá-lo. Tinha a certeza de que era o Filipe, já impaciente. Mas não. Era a Mariana. Feliz da vida, porque o Filipe lhe tinha enviado uma mensagem a convidá-la para ir ao cinema.

— Que bom, Mariana! E o que lhe vais dizer? — fingiu interessar-se Susana, tentando aparentar o tom mais natural do mundo.

— O que já disse. Que sim, claro! Achas que eu ia dizer que não? Vamos ao centro comercial ver A Saga de Thundor ou outra cena assim.

Susana desculpou-se dizendo que tinha de ajudar a mãe e acabou rapidamente a conversa radiosa da amiga. Virou-se de barriga para baixo e deixou as lágrimas escorrer para a colcha. Sentia-se a rapariga mais infeliz do mundo. Logo agora, que pensava que iria viver um romance bonito. E magoava-a que tivesse sido a própria amiga a traí-la, mesmo sem o saber.

Revoltada, pegou no telemóvel, alterou a identidade para “anónimo”, e escreveu:

Veja por onde anda a sua filha. Sabe aonde ela vai sabado?

Selecionou o número de telemóvel da mãe da Mariana, mas hesitou antes de enviar. Não podia fazer esta maldade à amiga. Ela não tinha culpa nenhuma e, mesmo que tivesse, era uma amiga de muitos anos. Apagou a mensagem, pensativa.

Passado um bocado e aceite o fracasso, começou a sentir que, vistas bem as coisas, até tinha sido útil não ter respondido logo ao Filipe e ter, assim, percebido que tipo de rapaz ele era. Uma ideia mazinha começou a germinar na sua cabeça. Para alguma coisa haviam de servir as telenovelas. Pegou no telemóvel e escreveu:

Eu ate gostava Filipe mas tenho de ficar em casa porque os meus pais vao para fora e eu tenho que tomar conta dos caes. Não queres vir tu ca a casa? Vamos para o meu quarto e vemos a saga de thundor que eu saquei da net. Sim? Mas não digas nada as colegas.

Com um convite destes, não duvidava que Filipe arranjaría uma desculpa para cancelar a sessão de cinema com a Mariana. E quando ele ali chegasse no sábado, a

imaginar uma tarde de “marmelada”, havia de as encontrar às três, a rir da cara dele, pelo logro em que caíra, e tudo acabaria em galhofa. Ou não...

Mais uma vez, hesitou antes de enviar a mensagem. Voltou a cabeça e encarou-se no espelho do roupeiro. Viu uma miúda, apenas, a querer brincar aos crescidos. E não estava a gostar de se ver nestes papéis mesquinhos de adultos encornados. Uma coisa eram as histórias das telenovelas, outra, as situações com pessoas reais. Apagou a mensagem e escreveu:

Sabado nao posso desculpa

Enviou a mensagem para o Filipe, desligou o som do telemóvel e deitou-se, que no dia seguinte era mais um dia de escola e queria chegar cedo para estar com os amigos. Todos.

18.º andar

Diferenças

Hélio Carlos da Silva Júnior

Se eu chegar na sua casa hoje
E te pedir um Danoninho,
Você irá estranhar?
Se eu quiser sentar no sofá,
Com uma quente xícara de café,
E falar dos filhos que nem tenho
Como se já os tivesse,
Você irá estranhar?
E se eu só quiser que você
Me ouça contar meus interditos sonhos,
Meus interditos feitos, meus interditos segredos,
Você irá estranhar?
Ora, deixe-me ser comigo mesma.
Acredite, está tudo muito confuso!
Talvez mais confuso do que foi
Para você nos dias em que tinha minha idade...

Não grite que eu só estudo...
Não grite que sou fraca, que você foi forte!
Por você ter sido forte que hoje tenho
A opção de não ser, de não brigar.
Por favor, não me olhe torto quando eu chegar...
Não aponte... Ó, abaixa... Abaixa esse dedo!
Me ouça, eu sonho, eu quero,
Eu preciso, eu faço, eu sinto, eu... eu...
Eu vivo!!
Eu sei que os anos estão passando,
A idade está chegando
E o tempo caminha.
Só que eu estou tendo de decidir agora
Se sou adulta, velha, criança,
Mãe ou filha...
Tudo isso está aqui comigo.
Tudo isso me pede um espaço.
Eu só te peço
Uma palavra ou um ouvido.

19.º andar

O amor da minha vida

Karol Póss

Lembro-me de um romance da minha adolescência, já há algumas décadas vivida, quase tão remota que teria dificuldade em me lembrar de muitos detalhes se não fosse algo que tivesse me marcado tanto a ponto de carregá-lo até hoje. Foi naquela manhã, quando ainda era uma caloura no Ensino Médio, que encontrei não o meu primeiro amor, pois já tinha vivido muitos outros antes, mas o amor da minha vida.

Devia ter 14 ou 15 anos, não irei me recordar com tanta exatidão. Nunca fui uma jovem de muitas amizades, mas conseguia fingir o suficiente para não ficar sozinha no infernal período de aulas. Assim que o ano letivo começou eu me enturmei com outras duas garotas, mas elas já se conheciam antes, então muitas vezes me sentia de fora das conversas, regadas a piadas internas que elas não faziam a menor questão de me explicar.

Mas aguentei, né? No Ensino Médio a gente precisa suportar algumas coisas para conseguir sobreviver, ou pelo menos era isso que eu, adolescente no auge dos meus dramas juvenis, acreditava.

Na maioria dos dias eu levava isso tranquilamente, tentando direcionar a conversa a caminhos acessíveis a mim, mas nem sempre dava certo — e nesses casos, ignorava a minha exclusão com um volume tão alto em meus fones de ouvido que quase conseguia sentir meus tímpanos vibrarem ao som de alguma *boyband* internacional que estivesse bombando no momento.

Até que meu melhor amigo — meu celular, claro — me deixou na mão com uma falta de bateria.

Como sou grata! Sequer imaginava o que estava por vir.

Por sorte sempre deixava o carregador na mochila, então só precisava encontrar uma tomada e voltar a minha rotina normal. Avisei as meninas que iria procurar um lugar para carregar, não que elas se importassem muito, e saí em minha pequena missão pelos corredores da escola.

Opções não faltavam, mas não havia assentos próximos e, como boa adolescente que fui, eu também era muito sedentária e queria um lugar para sentar ao lado do aparelho enquanto ele recuperava a vida. Foi então que me lembrei de uma pequena salinha quase escondida, mas silenciosa e com muitos lugares para se sentar: a biblioteca.

Andei até lá e o plano arquitetado em minha mente funcionou melhor que o esperado: o lugar tinha até mesmo um ventilador! Poderia pedir mais?

Não havia muitas pessoas no local, mas também não estava sozinha. Jovens rapazes riam baixinho de um lado, enquanto outras meninas escondiam-se atrás de livros em

outro extremo, absorvidas em sua leitura. Muitos lugares para sentar.

Assim que pluguei o aparelho na tomada, ele voltou a respirar e eu me senti aliviada, mas ainda precisava deixar que ele descansasse por alguns minutos até que pudéssemos voltar a nos comunicar. Olhei ao redor e a estética do local tinha um ar de retrô, meio conservador, que me agradou bastante.

“Dá pra tirar umas fotos aqui para postar na internet”, pensei. Não me julguem! Poderia não ser muito popular pessoalmente, mas meu Twitter era bastante badalado naquela época. Saudades. Aguardei mais alguns momentos e, com 15% de bateria, resolvi me arriscar pelos corredores de estantes imensas, repletas de livros dos mais diversos.

Fui ao corredor de livros juvenis, que havia conquistado a minha atenção por suas lombadas coloridas e títulos chamativos inscritos nas mesmas. Autores de quem nunca sequer havia ouvido falar, outros que já tinha escutado de algum professor ou lido em algum blog ou tweet por aí, mas em geral nada que eu conhecesse de verdade.

Fotografava tudo que via pela frente, já pensando em qual filtro combinaria melhor com as imagens, quando meus olhos se cruzaram com algo inesperado. Ele não brilhava, mas o meu interesse foi tão instantâneo que parecia reluzir diretamente para mim, como se Deus o tivesse colocado ali, a minha frente, somente para o meu deleite.

Não era muito grande nem muito bonito, e de perfil parecia ainda menos atraente com algumas imperfeições realçadas, mas tinha o suficiente para me conquistar e consegui. Escutei uma voz ecoar “me leve para casa” em minha cabeça, e só consegui responder com um sussurro baixo de “seu desejo é uma ordem”.

Fui ao seu encontro, mas pensei duas vezes antes de encostar nele. Parecia tão sensível. Me sentia tão impura e despreparada para isso. Este nem era o meu plano quando fui para lá, em primeiro lugar, mas foi ali, naquela biblioteca, com 9% de bateria, que encontrei o amor da minha vida, escondido nas páginas de um livro já com diversas marcas de uso, mas que não minimizou a experiência.

Foi ali, naquela biblioteca, que eu encontrei o amor da minha vida: o amor pela Literatura.

20.º andar

Nos seios fartos do meu travesseiro

André Foltran

Mais uma vez acordo
no auge dos meus 17 anos.
Ainda estou em casa e os sonhos
ainda são aqueles.

A poesia sexual
dança debaixo
do edredom
— são as mãos febris lutando
no escuro.

Flutuam no ar imagens
de um pornô qualquer
que fogem, feito salamandras,
pra debaixo da cama onde
dormem natimortos.

É meu trabalho decifrar esses códigos
diariamente. Trabalho duro
que me arranca o gozo.

Terraço

A manhã adolece

Denivaldo Piaia

Sonhos de primavera,
Corpos de verão,
Ânsias de outono,
Espíritos de inverno.
Todos adolecem.

A vida é festa na idade-emoção,
Tudo é ação,
Exalt-ação, perturb-ação, masturb-ação.

Tudo vale e pode, Ipod,
Do MP-3 ao MP-infinito
O tempo não tem tempo, é um grito.
Não dá tempo, passou.

Na balada badalada da bala,
No volante novo-lante,
Ante o risco latejante
Rabisco meu pensamento.

Tênis novo
Importado, importa?
Todos viram,
Então valeu, corta.

A próxima cena
Atrás da porta,
Quem poderá dizer?
Quem se importa?

A vida é festa até amanhã
E a manhã adolesce.

Participaram desta festa

Abner Rosa Oliveira: Nasceu na cidade de Mogi das Cruzes-SP, no dia 4 de março de 1996. Atualmente cursa o 7º semestre da faculdade de Psicologia e trabalha como Agente de Atendimento na empresa Movida. Escreve poesia desde os 14 anos e sempre teve vontade de publicar trabalhos, transformar poesias em músicas. A escrita, em sua vida, ocupa um espaço único, como uma válvula de escape, um modo de interpretar o mundo e os sentimentos.

Contato: *abnerrosa123@gmail.com*.

Adilson Roberto Gonçalves: Químico, pesquisador científico. Membro da Academia de Letras de Lorena, Academia Campineira de Letras e Artes, Clube dos Escritores Piracicaba.

Contato: *priadi@uol.com.br*.

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo.

Contato: *writer.aldy@gmail.com*.

Ana Carolina Gonzaga: Mineira, nascida em Belo Horizonte, Ana Carolina Gonzaga é estudante do curso de Jornalismo pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), escreve poesias desde os 10 anos de idade, e busca seguir carreira como escritora com objetivo de uma antologia completa com poesias inéditas de sua própria autoria.

Contato: *anagonzaga27@outlook.com*.

André Foltran: André Foltran nasceu em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em 1996. É tradutor, formado em Tradução pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi premiado em dezenas de concursos literários, tendo poemas publicados em diversas antologias, revistas e suplementos literários. Mantém o blog pessoal Caderno: *http://andrefoltran.blogspot.com*.

Contato: *andre.f.s.foltran@gmail.com*.

Arthur Furtado Tomain: Autor brasileiro.

Contato: *arthurtomain@gmail.com*.

Driely Meira: nasceu em Mairinque em 1998, e é residente de Alumínio. Blogueira literária, contista e estudante de Letras na Universidade de Sorocaba (Uniso), participou das antologias *Amores (Im)possíveis* e *De repente nós*, da editora Andross, *Poderes e Monstros entre nós*, da Darda Editora, *O Parque, Literatura de Outono, Eterno Inverno, Promessas da primavera*, e *Um presente de Natal*, da editora Jogo de Palavras.

Contato: *driely.meira@hotmail.com*.

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro.

Contato: edillongo@yahoo.com.br.

Edson Amaro de Souza: Participou da antologia *Trescalante*, da editora Jogo de Palavras, com o poema *Oito Anos*. Publicou em formato e-book no site da Amazon e para o Kindle suas traduções de *Discursos Sobre A Primeira Década de Tito Lívio*, de Maquiavel; *Valperga*, de Mary Shelley; *O Rei Saul*, de Vittorio Alfieri; *Carta da Jamaica*, de Simón Bolívar e *Thomas Morus*, de Silvio Pellico.

Contato: plantearvores2@gmail.com.

Emanuel Santos Fernandes: Minha biografia tem mais de “mini” do que de “bio”. Tenho 23 anos e parentes professores. Hoje sou universitário por desafio, escrevo poemas amaldiçoados e amaldiçoado fui por reconhecimentos.

Contato: emanueltopazio95@gmail.com.

Evandro Valentim de Melo: Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador; e escritor. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e “*Causos*” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Possui premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participa de diversas antologias. Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva: 20 anos, apaixonada por literatura e escrita, de Sorocaba (SP). Participou de projetos como *Postais*, do Correio do Porto – Portugal, Projeto *Doce Poesia Doce*, de 2017, e das antologias *Apenas Mais Um Livro de Amor*, *Obscura Epifania* e *Um Presente de Natal*, da Editora Jogo de Palavras. Além disso, escreveu artigos para webvistas, como a *Literalmente Intrigante*, posts para a página no Facebook *Poesia Muda* e proporciona aulas de literatura e escrita, com conteúdo de ensino médio, pela internet ou de forma voluntária. Contato: gabriela-rodrigues13@outlook.com.

Hélio Carlos da Silva Júnior: Nascido em Valença (RJ) e residente em Volta Redonda (RJ), estudante do curso de licenciatura em química por ser professor por paixão e químico por consequência. Amante das letras e tudo o que podem fazer, começou a escrita como modo de organização dos pensamentos; hoje vê essa atividade como algo integrante de si, mesmo que ainda engatinhe no ato de escrever.

Contato: *heliocsjuniorp@gmail.com*.

João Eduardo Cerqueira: Natural de Salvador, Bahia, onde reside. Tem formação em Medicina Veterinária pela UFBA e se especializou em Clínica e Cirurgia em Pequenos Animais. Escrever suas monografias acendeu sua vontade de escrever. Insatisfeito com o modelo atual da profissão, resolveu perseguir seu sonho de adolescência, a Literatura. Criou um blog para trazer conhecimento para os donos de pets, com textos novos toda semana durante dois anos. Atualmente está produzindo seu primeiro livro de fantasia como escritor amador.

Contato: *jewcruz@hotmail.com*.

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na Internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra mais de uma trintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico.

Contato: *episcopum@hotmail.com*.

Karol Póss: Nasceu em 1998 e mantém seu blog pessoal, *Elfo Livre*, em um amor pela escrita que começou a se desenvolver desde a infância, quando rabiscava cadernos com pequenos poemas que se perderam com o tempo. Hoje, estudante do curso de Letras, com um pequeno público simpatizante com seu blog e com alguns textos já publicados em antologias, busca profissionalizar a sua paixão na meta de, algum dia, poder viver daquilo que ama. Enquanto isso, nas horas vagas se delicia em livros, filmes e seriados, adquirindo bagagem cultural e muito prazer.
Contato: *karolposs@hotmail.com*.

Maíra Marques: 25 anos de muita imaginação e história para contar. Maíra é formada em Pedagogia e, recentemente, se formou em Psicopedagoga. Trabalha com alfabetização e influencia diariamente a leitura na vida de seus pequenos alunos e agora, também na vida de seu pequeno Heitor. Gosta de escrever para um público mais maduro, mas adora um livro infantil. Atualmente, criou um Instagram literário para compartilhar suas leituras com pessoas que também amam ler: @literamai.
Contato: *marquesm17@gmail.com*.

Maria Aparecida Coquemala: Licenciada em Letras, especializada em Linguística. Premiada pela UBE-RJ com *A Gruta Azul* e *Carnaval*, 2º e 3º lugares; pelo Governo da Paraíba, *Correio das Artes*, com *À Espera* e pela Ed. Porto de Lenha, Gramado, RS, com *Vozes da Primavera*, ambos em 1.º lugar. Todos, coletâneas de contos. Na literatura infantojuvenil, publicou *Naná e o Beija-flor*; na poesia, *À margem da vida* e *Pulsar*, este já na 3ª edição. Autora de *Círculo Vicioso*, *O Último Desejo*, *Além dos Sentidos e Flashes*, coletâneas de contos e crônicas. Participa de antologias no Brasil, Portugal e Itália.

Contato: *maria-13@uol.com.br*

Regina Ruth Rincon Caires: 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos.

Contato: *reginaruthrinconcaires@gmail.com*.

Tiago Arauto: Depois que aprendeu a ler ainda criança, fez disso um hábito diário. Tendo herdado da mãe o gosto pela leitura, começou por gibis, dos quais fazia coleção, tendo centenas deles. Anos mais tarde interessou-se por filosofia, poesia e música, tendo feito parte de duas bandas de rock como cantor e compositor. Hoje ainda compõe e canta, mas dedica-se mais à poesia voltada à temática existencialista e ao cotidiano.

Contato: *superaothiago@yahoo.com.br*.

O convidado especial:

Denivaldo Piaia: Nascido e residente em Campinas (SP), formado em Comunicação Social: Jornalismo pela PUCCamp, hoje aposentado. Autor dos livros independentes *Quando a morte me convidar para dançar* (poesia) e *O dia em que Deus acordou inspirado* (prosa).

Contato: dmdj2017@gmail.com.

Os anfitriões:

Érica de Oliveira: Nascida em 03 de fevereiro de 1992, é formada em Letras: Português, Inglês e Respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. Trabalha como prestadora de serviços editoriais e é responsável pelo setor de antologias da Editora Jogo de Palavras.

Contato: *oliveira.ERICA0302@hotmail.com*.

João Paulo Hergesel: Nascido em 25 de julho de 1992, João Paulo Hergesel é um escritor brasileiro residente em Alumínio (SP). É doutorando em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), mestre em Comunicação e Cultura e licenciado em Letras pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Dedicar-se à produção literária, com foco na literatura infantojuvenil, e à pesquisa na área da Narrativas Midiáticas com foco no estudo do estilo. Autor de livros com temáticas diversas e com participações em várias antologias, coleciona dezenas de prêmios literários, nacionais e internacionais - entre eles: Prêmio Barco a Vapor (Fundação SM), Desafio dos Escritores (Câmara dos Deputados), Cancioneiro Poético (Instituto Piaget Portugal), Concurso Monteiro Lobato de Contos Infantis (SESC-DF) e Prêmio Ganymedes José de Literatura Infantil e Juvenil (União Brasileira de Escritores).

Contato: *jp_hergesel@hotmail.com*.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em março de 2019.